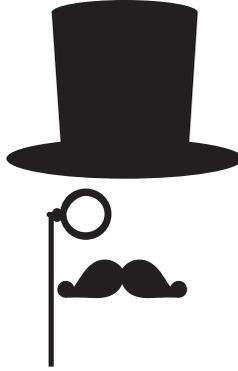


PRIMEIRA PARTE

**A CHUVA DE
FAÍSCAS**



MAMÃE CORALIE

Um pouco antes de soarem as dezoito e trinta, quando as sombras do anoitecer se tornavam mais espessas, dois soldados alcançaram o pequeno cruzamento, plantado de árvores, que forma o encontro da Rua de Chaillot com a Rua Pierre-Charon, em frente ao museu Galliera.

Um deles vestia um capote azul-horizonte do soldado de Infantaria. O outro, um senegalês, roupas de lã bege, com calça larga e paletó cinturado, que desde a guerra vestem os zuavos e as tropas da África. Um deles só tinha uma perna, a esquerda; o outro, um único braço, o direito.

Deram a volta da esplanada, no centro da qual se ergue um lindo grupo de estátuas de Silenos, e pararam. O soldado da Infantaria jogou seu cigarro. O senegalês o recolheu, deu umas tragadas rápidas, então o apertou, para apagá-lo entre o polegar e o indicador, e o pôs no bolso.

Tudo isso sem uma única palavra.

Quase ao mesmo tempo, da Rua Galliera, surgiram mais dois soldados, dos quais teria sido impossível dizer a que corpo do Exército pertenciam, já que seu traje militar se compunha das mais diversas roupas civis. No entanto, um ostentava o barrete do zuavo, o outro o quepe do artilheiro. O primeiro andava com muletas, o segundo com bengalas.

Os dois homens ficaram perto do quiosque situado à beira da calçada.

Pelas ruas Pierre-Charon, Brignoles e de Chaillot, mais três outros chegaram isoladamente, um caçador a pé maneta, um sapador que mancava e um marinheiro cujo quadril parecia torto. Foram direto, cada um em direção a uma árvore, nas quais se apoiaram.

Não trocaram nenhuma palavra. Nenhum desses sete mutilados parecia conhecer seus companheiros, nem parecia se preocupar ou notar a presença deles.

De pé atrás das árvores, ou atrás do quiosque, ou atrás do grupo de silenas, eles não se mexiam. E os raros passantes que, nessa noite de 3 de abril de 1915, atravessavam esse cruzamento pouco frequentado, que postes de luz encapuzados mal iluminavam, não perdiam tempo para notar as silhuetas imóveis.

Soaram dezoito e trinta.

Nesse momento, a porta de uma das casas que dão para a praça se abriu. Um homem saiu da casa, fechou a porta, atravessou a Rua de Chaillot e contornou a esplanada.

Era um oficial, com traje cáqui. Sob seu barrete de vermelho policial, enfeitado com três sutaches dourados, uma larga faixa de pano lhe envolvia a cabeça, escondendo a testa e a nuca. O homem era alto e muito delgado. Sua perna direita terminava em um toco de madeira provida de uma aruela de borracha. Apoiava-se em uma bengala.

Tendo deixado a praça, desceu na calçada da Rua Pierre-Charron. Lá, virou-se e olhou calmamente para vários lugares.

Esse exame o levou até uma das árvores da esplanada. Com a ponta da bengala, tocou levemente uma barriga que ultrapassava. A barriga se encolheu.

Isso feito, o oficial foi embora.

Dessa vez, afastou-se definitivamente pela Rua Pierre-Charron em direção ao centro de Paris. Assim, alcançou a Avenida dos Champs-Élysées, que percorreu pela calçada esquerda.

Duzentos passos adiante havia uma construção enorme, transformada, como o anunciava uma faixa, em enfermaria.

O oficial se postou a certa distância, de modo a não ser visto por quem saía de lá, e esperou.

Soaram dezenove e quarenta e cinco.

Passaram-se ainda alguns minutos.

Cinco pessoas foram embora da casa. E então mais duas. Finalmente, uma dama apareceu na soleira do saguão, uma enfermeira vestindo um grande casaco azul marcado com a cruz vermelha.

– É ela – murmurou o oficial.

Ela tomou o caminho que ele próprio tomara e alcançou a Rua Pierre-Charron, que ela seguiu na calçada da direita, dirigindo-se assim para o cruzamento da Rua de Chaillot.

Andava com ligeireza, o passo suave e cadenciado. O vento que ia de encontro a seu ritmo rápido inchava o longo véu azul que flutuava em volta dos seus ombros. Apesar da largura do casaco, adivinhavam-se o ritmo de seu quadril e a juventude de sua postura.

O oficial permanecia para trás e andava com ar distraído, fazendo sarielhos com a bengala, como um passeador caminhando à toa.

E nesse instante não havia outras pessoas visíveis nessa parte da rua, a não ser ela e ele.

Mas, como ela acabara de atravessar a Avenida Marceau, e bem antes que ele mesmo chegasse lá, um automóvel estacionado ao longo da avenida deu a partida e começou a andar no mesmo sentido que a jovem mulher, ao passo que mantinha uma distância constante.

Era um táxi. O oficial notou duas coisas: primeiramente, que havia dois homens dentro e, em seguida, que um desses homens, de quem ele pôde distinguir rapidamente o rosto atravessado por um espesso bigode e coroado por um chapéu cinza, ficava quase constantemente debruçado para fora da porta do carro e conversava com o motorista.

No entanto, a enfermeira andava sem olhar para trás. O oficial havia mudado de calçada e apressava o passo, ainda mais que tinha a impressão de ver o automóvel acelerar à medida que a jovem se aproximava do cruzamento.

De onde se encontrava, o oficial abarcava de um só olhar quase toda a pequena praça, e por mais aguda que fosse a acuidade de sua visão, ele não distinguiu nada na sombra que pudesse revelar a presença dos sete mutilados. Ademais, nenhum passante. Nenhum carro. No horizonte, entre as trevas das largas avenidas que se cruzavam, apenas dois bondes, com os toldos baixados, interrompiam o silêncio.

A jovem mulher, mesmo admitindo que prestasse atenção nos espetáculos da rua, também não parecia ver nada que fosse de natureza a preocupá-la. E a manobra do carro que a seguia não devia tê-la intrigado muito, já que não se virou para trás uma única vez sequer.

Entretanto, o carro ganhava terreno. Na beira da praça, dez a quinze metros no máximo separavam o oficial da enfermeira. Quando ela, ainda abstraída, chegou às primeiras árvores, o carro se aproximou ainda mais e, deixando o meio da rua, começou a ladear a calçada, enquanto, do lado oposto dessa calçada, conseqüentemente à esquerda, aquele dos dois homens que se debruçava havia aberto a porta e descia no estribo.

O oficial atravessou a rua mais uma vez, rapidamente, sem medo de ser visto, já que aquelas pessoas, no ponto em que as coisas haviam chegado, pareciam despreocupadas com tudo que não dissesse respeito ao seu propósito. Levou um apito à boca. Não tinha dúvida de que o acontecimento que imaginava estivesse prestes a se produzir.

De fato, o carro parou bruscamente.

Pelas duas portas, os dois homens surgiram e pularam na calçada da praça, poucos metros antes do quiosque.

Ouviu-se, ao mesmo tempo, um grito de pavor vindo da jovem mulher, e um apito estridente lançado pelo oficial. Nesse momento, também, os dois homens alcançaram e agarraram seu alvo, que tentaram levar imediatamente para o carro, e os sete soldados feridos, parecendo surgir do próprio tronco das árvores que os dissimulavam, corriam atrás dos dois agressores.

A batalha durou pouco. Ou melhor, não houve batalha. Logo no primeiro momento, o motorista do táxi, constatando que se tratava de um ataque, deu partida e fugiu às pressas. Quanto aos dois homens, vendo sua tentativa falhar, enfrentando uma leva de bengalas e muletas ameaçadoras,

e sob o cano de um revólver que o oficial apontava em sua direção, soltaram a mulher, correram em ziguezague para não serem alvos fáceis e se perderam na sombra da Rua Brignoles.

– Corra, Ya-Bon – ordenou o oficial ao senegalês maneta –, e traga um deles pelo pescoço.

Em seu braço ele sustentava a jovem, que tremia e parecia prestes a desmaiar. Disse-lhe com muita solicitude:

– Não tema nada, mamãe Coralie, sou eu, o capitão Belval... Patrice Belval...

Ela balbuciou:

– Ah! É você, capitão...

– Sim, e aqui estão todos os seus amigos reunidos para defendê-la, todos os seus antigos feridos da enfermaria que encontrei no anexo dos convalescentes.

– Obrigada... obrigada...

E ela acrescentou, com voz tremida:

– E os outros? Aqueles dois homens?

– Sumiram. Ya-Bon está atrás deles.

– Mas o que queriam? E por que milagre você estava aqui?

– Falaremos disso mais tarde, mamãe Coralie. Primeiro, vamos falar de você. Onde devemos levá-la? Olhe, deveria vir até aqui... o tempo de se recompor e descansar um pouco.

Com a ajuda de um dos soldados, ele a empurrou delicadamente para a casa de onde ele mesmo havia saído quarenta e cinco minutos antes. A jovem mulher se entregava à sua vontade.

Todos entraram no térreo e passaram para um salão, onde acendeu as luzes elétricas e onde a lareira estava acesa.

– Sente-se – disse.

Ela se deixou cair em uma cadeira, e o capitão deu ordens.

– Você, Poulard, vá buscar um copo na sala de jantar. E você, Ribrac, uma jarra de água fresca na cozinha... Chatelain, você vai encontrar uma garrafa de rum no armário da despensa... Não, não, ela não gosta de rum... Então...

– Então – disse ela, sorrindo –, um copo d’água apenas.

Um pouco de cor voltava-lhe às faces, que, aliás, eram naturalmente pálidas. O sangue afluía aos lábios, e o sorriso que animava seu rosto era confiante.

Esse rosto, absolutamente charmoso e doce, tinha uma forma pura, traços excessivamente finos, uma tez morena clara e a expressão ingênua de uma criança que se surpreende e vê as coisas com olhos sempre arregalados. E, não obstante, tudo isso, que era gracioso e delicado, dava em certos momentos uma impressão de energia que decorria certamente do brilho escuro dos olhos e das duas fitas pretas e regulares que desciam do véu branco sob o qual a testa estava presa.

– Ah! – exclamou alegremente o capitão quando ela bebeu a água –, parece que está melhor, mamãe Coralie?

– Bem melhor.

– Que bom! Mas que minutos terríveis temos vivido! E que aventura! Vamos ter de conversar e esclarecer tudo isso, não é? Enquanto isso, rapazes, façam o favor de cumprimentar mamãe Coralie. Hein, meus amigos, quem teria dito, quando ela os paparicava e afofava o travesseiro para que sua cabeça se acomodasse nele, quem teria dito que chegaria nossa vez de cuidar dela, e que seriam as crianças que iriam paparicar sua mãe?

Juntaram-se em volta dela os manetas e mancos e coxos, os mutilados e enfermos, todos felizes por vê-la. E ela lhes apertava as mãos, com todo carinho.

– E aí, Ribrac, e essa perna?

– Não estou sofrendo mais, mamãe Coralie.

– E você, Vatinel, como vai seu ombro?

– Não tem mais sinal de nada, mamãe Coralie...

– E você, Poulard? E você, Jorisse?...

Sua emoção crescia ao reencontrá-los, eles que ela chamava de seus filhos. E Patrice Belval exclamou:

– Ah! Mamãe Coralie agora está chorando! Mamãe, mamãe, foi assim que conquistou o coração de todos nós. Quando fazíamos os maiores esforços para não gritar, na cama de tortura, víamos profusas lágrimas